

SKINNER E COMTE: APROXIMAÇÕES

Constança Marcondes Cesar

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Procuraremos mostrar algumas similaridades entre as concepções de ciência de Comte e Skinner. Acreditamos que a obra de Skinner não ultrapassa o horizonte epistemológico no qual o comtismo se move. Em virtude disso, a obra de Skinner invoca, como ponto de partida, uma perspectiva filosófica já superada pelas recentes revoluções científicas.

Examinaremos as concepções desses autores no que diz respeito aos seguintes pontos:

a) **O conceito da ciência** que propõem, estudando as características, objetivos e modelos do saber científico;

b) **As implicações éticas e sociais da ciência**;

c) **A periodização da história da ciência** levada em conta por eles, enfocando questão das transformações das explicações científicas ao longo do tempo.

Para ambos, Comte e Skinner, a ciência é um saber factual, ordenado e capaz de previsões.

Assim, temos, segundo Comte:

“O espírito positivo faz da ordem a condição do progresso”¹;

“(...) a verdadeira ciência (...) tende sempre (...) à previsão racional (...) ver para prever”²;

“Nossas especulações positivas devem (...) confinar-se (...) à apreciação (...) dos fatos (...) renunciando a descobrir sua primeira origem e o seu destino final (...)”³.

Para Skinner,

“A ciência é (...) a busca da ordem, da uniformidade, de relações ordenadas entre eventos da natureza”⁴;

[A Ciência] “não só descreve, ela prevê”⁵; “Os dados, não os cientistas, falam mais alto”⁶.

Os objetivos da ciência são, para Comte e Skinner, a sistematização de leis, a eficácia prática.

Comte diz:

“(...) a relação (...) que caracteriza o estado viril de nossa inteligência consiste em substituir (...) a determinação das **causas** (...) pela simples pesquisa de leis (...)”⁷;

“(...) o espírito humano (...) circunscreve (no estado positivo) os seus esforços ao domínio (...) da verdadeira observação, única base possível de conhecimentos (...) acessíveis (...)”⁸.

Para Skinner,

“A ciência avança da coleção de regras ou leis para arranjos sistemáticos mais amplos”⁹;

“A ciência não se preocupa com a contemplação. Quando já tivermos descoberto as leis que governam uma parte do mundo ao nosso redor, e quando tivermos organizado estas leis em um sistema, estaremos então preparados para lidar eficientemente com esta parte do mundo”¹⁰.

Para esses dois pensadores, o modelo do saber científico são as ciências matemáticas e a experimentação. Ambos reduzem as ciências humanas ao modelo das ciências naturais e assinalam a oposição entre o saber científico e o saber filosófico-metafísico.

Comte vê, nas matemáticas, o ponto de partida da filosofia positiva¹¹. Acredita que as principais aquisições do espírito científico são as noções de ordem e progresso¹² e que o maior obstáculo à instalação da filosofia positiva é a ameaça ou tentação do espírito metafísico¹³.

Por sua vez, Skinner afirma que:

“As técnicas matemáticas e experimentais (...) são propriedade comum das ciências em geral”¹⁴;

“(...) diz-se algumas vezes que as ciências naturais são (...) diferentes das ciências sociais (...) não obstante, as espécies de atividades intelectuais exemplificadas por juízos de valor, ou por intuição ou interpretação, nunca foram propostas claramente (...)”¹⁵.

Comte e Skinner acreditam que as grandes descobertas científicas têm repercussões sobre a vida humana e que uma nova compreensão do homem pode vir à luz, a partir de uma atitude científica corretamente estabelecida.

Para Comte,

“Só a nova filosofia pode estabelecer hoje, quanto aos nossos deveres, convicções profundas e ativas, verdades suscetíveis de sustentar com energia o choque das paixões”¹⁶.

Segundo Skinner,

“Totalitarismo ou democracia, estado ou indivíduo, sociedade planejada ou *laissez-faire* (...) tudo isso diz respeito à natureza fundamental do conhecimento humano. É quase certo que permaneceremos inermes para a resolução desses problemas enquanto não adotarmos um ponto de vista consistente”¹⁷.

O exame da análise da evolução histórica das explicações científicas, efetuada por esses dois autores, pode ser o fecho de nosso estudo. Na opinião de Comte, o espírito humano, em sua evolução, passa das explicações pré-científicas às científicas, no que diz respeito aos fenômenos. As explicações pré-científicas são as explicações teológicas e as metafísicas,^{18, 19}. No caso das explicações científicas ou positivas, afirma que:

“Os princípios que ela emprega não passam em si mesmos verdadeiros fatos”²⁰.

Skinner mostra que a evolução das explicações do comportamento humano passa por duas grandes etapas. Na primeira, as explicações são pré-científicas:

“O estudo de qualquer objeto começa nos domínios da superstição (...)”²¹.

O autor indica como exemplos desse tipo de abordagem, o comportamento explicitado pela conjunção astrológica, pela estrutura física do sujeito, pelas **causas internas** (neurais, psíquicas, interiores-conceptuais).

As explicações científicas correspondem ao segundo modo de abordar o comportamento humano. São as que têm por assunto as variáveis das quais o comportamento humano é função e que “estão fora do organismo, em seu ambiente imediato (...) possuem um “status” físico para o qual as técnicas usuais da ciência são adequadas (...)”²³.

Acreditamos ter demonstrado a existência de alguns pontos de aproximação, algumas semelhanças entre as epistemologias de Comte e de Skinner. Afirmamos, em consequência, que a obra de Skinner não ultrapassa, em suas grandes linhas, em seus pontos essenciais, o horizonte epistemológico aberto pela obra de Comte.

NOTAS:

- (1) Comte, **Discurso sobre o Espírito Positivo**, S.P., Globo/EDUSP, 1976, p. 67.
- (2) id., *ibid.*, p. 20.
- (3) id., *ibid.*, p. 17.
- (4) Skinner, **Ciência e Comportamento Humano**, Brasília/EUNB, 1967, p. 16.
- (5) id., *ibid.*, p. 13.
- (6) id., *ibid.*, p.16.
- (7) Comte, *op. cit.*, pp. 16 – 17.
- (8) id., *ibid.*, p. 16.
- (9) Skinner, *op. cit.*, p. 16.
- (10) id., *ibid.*, p. 17.
- (11) Comte, *op. cit.*, p. 121.

- (12) *id.*, *ibid.*, p. 72.
- (13) *id.*, *ibid.*, p. 15.
- (14) Skinner, **op. cit.**, p. 18.
- (15) *id.*, *ibid.*, pp. 13 – 14.
- (16) Comte, **op. cit.**, p. 83.
- (17) Skinner, **op. cit.**, p. 14.
- (18) Comte, **op. cit.**, pp. 6 – 7.
- (19) *id.*, *ibid.*, p. 12.
- (20) *id.*, *ibid.*, p. 16.
- (21) Skinner, **op. cit.**, p. 22.
- (22) *id.*, *ibid.*, p. 23.
- (23) *id.*, *ibid.*, p. 26.